

O recente golpe deflagrado pelos opositoristas ao governo da presidenta Dilma Rousseff, afastada desde o último dia 12 de maio de 2016, aponta para um cenário de muitos retrocessos no país. Análises recentes acerca dos processos econômicos, políticos e socioculturais das últimas décadas evidenciam um capitalismo globalizado em um contexto de crise, que se explica nos marcos da reestruturação produtiva – implementada por meio de uma regressão conservadora de face neoliberal – que leva, conseqüentemente, à precarização e subalternização do trabalho à ordem do mercado, ao desgaste das bases do sistema de proteção social, desmonte direitos sociais, civis e políticos, bem como a redefinição do Estado na produção e distribuição da riqueza social e neste contexto se insere o Brasil. A população ainda não conseguiu entender o significado do golpe e todas as perdas que teremos se ele se consolidar. Por isso, convidamos todas as pessoas que lutam pela democracia, a fortalecer as manifestações de rua e ler atentamente as mídias alternativas, que conseguem veicular informações sobre o que realmente está acontecendo no país, tendo em vista que têm um compromisso ético com a vida e não com os interesses pessoais.

RESISTÊNCIA E LUTA

CONTRA O GOLPE

Nº 4 - 10 DE JUNHO DE 2016

Movimentos Sociais resistem nas ruas contra o golpe de Estado

Por Genilce Gomes, graduada em ciências sociais e mestre em ciências sociais pela PUC-SP

Desde que se encerrou as eleições, especificamente, desde março de 2015, os diversos movimentos sociais se manifestam sobre o momento político, apontando que estava em curso um GOLPE DE ESTADO no Brasil. Este golpe, engendrado pelos capitalistas multinacionais que, diante de uma grave crise econômica mundial viram a possibilidade de acumular seus lucros sarrupando as riquezas produzidas pelo povo brasileiro, tem como artífices setores importantes do Poder Judiciário, do Ministério Público, da mídia monopolista, em especial a Rede Globo, e de políticos mergulhados em denúncias de corrupção e conspiração contra a Pátria.

Esses movimentos já alertavam, desde então, que o plano adotado pelos golpistas atacaria a democracia, os direitos dos trabalhadores e as conquistas sociais dos últimos anos. Bastaram poucos dias do governo golpista – presidido por uma marionete que, ao lado de sete de seus ministros, é investigado na Operação Lava-jato – para que os alertas se confirmassem.

Os “ajustes” propostos pelo governo golpista de Michel Temer atingem diretamente os direitos trabalhistas e previdenciários, precarizam as condições de trabalho, reduzem o papel do Estado, cortam recursos das áreas sociais, favorecem o rentismo ao manter as altas taxas de juros, inibem os investimentos na produção e geram desemprego.

Todo o teatro armado pelos golpistas se traduz em uma receita neoliberal, que visa, ainda, a retomada de privatizações de empresas estratégicas, como é o caso da Petrobras.

Diariamente, as notícias – vazamentos criminosos de informações e delações de políticos envolvidos com a trama golpista – confirmam o que os movimentos já diziam: a necessidade dos capitalistas e de seus lacaios de botar as mãos nas riquezas do povo brasileiro só seria concretizada com o afastamento da presidenta Dilma Rousseff, legitimamente eleita com mais de 54 milhões de votos e afastada injustamente do cargo, sem ter cometido crime de responsabilidade.

CMP anuncia afastamento dos Conselhos Nacionais

Diante de tantos retrocessos, uma das principais entidades que vem lutando contra o golpe é a Central de Movimentos Sociais (CMP), que compõe a Frente Brasil Popular, formada por mais de 60 entidades de movimentos sociais, decidiu se afastar de todos os conselhos nacionais e espaços que envolvam quaisquer órgãos do governo federal, inclusive os GTEs da SPU (Grupos de Trabalho Estaduais da Secretaria do Patrimônio da União).

Em carta datada do dia 31 de maio, Dia de Luta por políticas públicas e participação popular, a CMP – que congrega diversos movimentos populares de sem teto, saúde, educação, LGBT, associações de moradores e grupos populares da periferia, defende e participa dos conselhos em várias áreas de sua atuação por entender que são espaços conquistados pelos movimentos